



PÁGINA 9

Construção de novas narrativas

Professores de História organizam acervo digital de manifestações culturais swahili no norte de Moçambique



Projetos sociais promovem autonomia

Beneficiados por programas sociais da Universidade em diversas áreas contam como as trajetórias de vida foram transformadas por essas iniciativas. **PÁGINA 5, 6, 7 E 8**



ACERVO AERODESIGN

PÁGINA 3

Rumo ao mundial de aerodesign

Equipe AeroRio vai participar de competição internacional na Flórida

Esperança no agreste brasileiro

Construir cisternas em diversos municípios da região do semiárido pernambucano é o objetivo do Água para Vidas, em parceria com a ONG Habitat para Humanidade. Coordenado pela ex-aluna de Engenharia Ambiental Raquel Flinker, o projeto, via crowdfunding, já beneficiou cinco diferentes famílias. **PÁGINA 11**



DIVULGAÇÃO

O acesso à água potável já é realidade para cinco diferentes famílias

Ex-aluno cria robô guiado por sensores

No MIT, João Luiz Ramos, ex-aluno de Engenharia Mecânica, desenvolve máquina para atuar em locais de risco. **PÁGINA 10**

Fim de Ano estimula o consumismo

Período destinado para reflexões, Natal coexiste com consumo desenfreado, incentivado por lojistas. **PÁGINA 12**

REITOR

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., aborda o tema da corrupção e o sentimento de indignação gerado na sociedade. Para ele, é preciso unir forças para se construir um mundo mais inclusivo, fraterno e respeitoso, e não perder as esperanças de um país melhor. **PÁGINA 2**

REITOR

Saber conviver com a indignação



Numa sociedade marcada por tantos atos e atitudes ofensivas, injustas, moral e eticamente incorretos, onde a corrupção oculta se torna a cada dia mais revelada e exposta, é natural que este substantivo feminino da língua portuguesa, denominado indignação, ocupe um espaço maior na mente e no coração dos indignados. Este sentimento duplo nos acompanha, pois de um lado ficamos insatisfeitos e indignados pela apropriação dos recursos públicos para satisfazer ambições desmedidas, vaidades excessivas, e o distanciamento progressivo de princípios e valores éticos, sobretudo em um país onde a educação é precária, a saúde é enferma e o desemprego alcança índices preocupantes; por outro lado, ficamos satisfeitos e dignificados ao sabermos que lentamente pode nascer uma nova cultura política no nosso país, capaz de corrigir erros antiéticos e, contribuir para a formação de novos costumes eticamente

mais sustentáveis, onde a transparência, o agir moral e a atitude de servir sem privilégios econômicos e políticos, possam ser ampliados na sociedade pluralista em que vivemos.

Saber conviver com a indignação é perceber que os pequenos gestos dos indignados revelam algo mais profundo do que simplesmente os sentimentos de revolta, raiva ou frustração. Saber conviver com a indignação é unir forças e solidariedade com aqueles que sonham com um mundo diferente, mais inclusivo, fraterno e respeitoso com as diferenças. Saber conviver com a indignação é formar grupos e redes com pessoas que buscam a verdade, que sabem discutir democraticamente as temáticas de interesse maior da sociedade, sem sectarismo e sem violência. Saber conviver com a indignação não é reprimir os jovens indignados, mas é compreender as suas revoltas sadias, as suas justas reivindicações, as suas ousa-

dias criativas, os seus gestos significativos e as suas utopias inspiradoras.

Jesus Cristo é o exemplo de quem soube conviver com a indignação, denunciando as atitudes antiéticas dos poderes de seu tempo e, por outro lado, acolhendo e dando sentido às vidas dos indignados, excluídos e humilhados pelos preconceitos, pelas carências, pelas doenças e por tudo aquilo que é contrário aos princípios e valores do Reino de Deus.

Que neste Natal possamos nos inspirar na vida do Filho de Deus que nos deixou este legado de indignação e dignidade, na esperança de que a corrupção seja vencida progressivamente pela justiça e a verdade, ajudando-nos a construir um país onde o ódio supere a violência, a paz vença os conflitos, e a solidariedade supere as divisões.

Um bom e abençoado NATAL para todos.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Dialogar para Crescer

Final do ano chegando, momento de reflexão sobre o que passou e o que virá, seguir em frente procurando fazer o melhor, no pensar, no agir e no dialogar.

Sim, dialogar: é dessa forma que a AaA, no alto dos seus 65 anos de existência, vai procurar, em períodos de maior ou menor êxito, vencer barreiras na busca de sua afirmação, agora motivada pelas palavras do Papa Francisco “Quando os líderes dos

diferentes setores me pedem um conselho, a minha resposta é sempre a mesma: diálogo, diálogo, diálogo. A única maneira para uma pessoa, uma família, uma sociedade crescer, a única maneira para fazer avançar a vida dos povos é a cultura do encontro; uma cultura segundo a qual todos têm algo de bom para dar, e todos podem receber em troca algo de bom”.

No novo projeto Diálogos

a Associação pretende trazer personalidades para debater o futuro da sociedade com temas da atualidade que proporcionem um maior aperfeiçoamento de todos como seres humanos, visando sempre ao fortalecimento do elo entre os antigos alunos e a sua Universidade.

Feliz Natal e um Ano Novo abençoado!

■ RICARDO LAGARES
PRESIDENTE DA AAA-PUC-RIO

www.aaapucrio.com.br

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Vice-Reitor Comunitário: Prof. Augusto Sampaio. Coordenador-Geral: Prof. Cesar Romero Jacob. **JORNAL DA PUC** - Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora: Profª. Adriana Ferreira. **Chefe de Reportagem**: Profª. Rocélia Santos. **Editores de Arte**: Profª. Mariana Eiras e Prof. Diogo Maduell. **Conselho Editorial**: Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Cesar Romero, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. **Anúncios produzidos pela Agência.Com**. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. **Redação e Administração**: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. **Telefone**: 3527-1140. **E-mail**: jornaldapuc@puc-rio.br. **Impressão**: gráfica Folha Dirigida.

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

250 anos de PUC-Rio

Um mestre no salão

FOTÓGRAFO DESCONHECIDO/ACERVO PARTICULAR



Funcionários da PUC-Rio nos pilotis do Edifício Cardeal Leme. Charles Albert aparece sentado ao centro no terceiro degrau (1984)

Com gestual discreto e voz baixa, o funcionário Charles Albert Renault de Lima circula com desenvoltura pelo amplo e claro Laboratório de Química Geral situado no primeiro andar do Prédio da Química, onde trabalha desde sua inauguração em 1971.

Filho de um brasileiro ex-combatente do exército francês na Primeira Guerra Mundial, irmão de Armin-da, telefonista da PUC-Rio, Charles foi morador do Parque Proletário da Gávea e posteriormente do Minhocão. Recém-formado no Colégio Estadual André Maurois onde foi aluno do professor Ilmar Rohloff de Mattos, foi contratado aos 19 anos para auxiliar nos laboratórios do ITUC.

Semanalmente levava amostras de materiais para a casa XXI da Vila dos Diretores, onde originalmente funcionava o Instituto de Química. Convidado a integrar o corpo de funcionários do Instituto pelo professor Ivan de Oliveira Paiva, participou de sua instalação no novo prédio e guarda na lembrança a convivência com professores fundadores, dentre eles, padre

Hainberger S.J., com quem trabalhou de forma estreita e desenvolveu duas características que lhe são caras: pontualidade e meticulosidade.

De fato, no convite feito ao jovem discreto e atento, já havia a percepção do perfil demandado para se exercer as tarefas de preparação e manutenção de equipamentos de precisão e substâncias químicas utilizadas pelos alunos calouros que, a cada semestre, ocupam as alvas bancadas do laboratório, espécie de *tabula rasa* que desperta a curiosidade e os impulsos de “pequeno cientista” guardados nas lembranças das brincadeiras infantis.

Para Charles, exímio dançarino, o contato com os jovens calouros sempre foi a melhor parte de seu trabalho. Seu domínio espacial e a desenvoltura de conhecimentos de cada objeto disposto no grande laboratório o fazem um mestre do salão, a ensinar às novas gerações a cadência com que é formado um futuro pesquisador.

■ SILVIA ILG BYINGTON
BRUNA DA SILVA E SILVA
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

Aviação: Alunos de diferentes cursos desenvolvem projetos de aerodesign para competições

Passaporte para decolar nos EUA

Equipe representa a Universidade em mundial em 2017

ELISSA TAUBLIB

Com 3,17 metros de envergadura – distância entre as pontas das asas –, o avião construído em dez meses no laboratório de Aerodesign da PUC obteve segundo lugar na categoria avançada do SAE Brasil Aerodesign. A equipe AeroRio, composta por 25 estudantes de engenharia, representará a Universidade no campeonato mundial SAE Aerodesign East, em Lakeland (Flórida, EUA), em abril de 2017. As competições, organizadas pela Sociedade de Engenheiros da Mobilidade (SAE), permitem aos alunos aprenderem como é o desenvolvimento do projeto aeronáutico.

Com orientação do professor Eduardo Costa e Silva, do Departamento de Engenharia Elétrica, a PUC recebeu o maior número de menções honrosas na 18ª edição do SAE Brasil Aerodesign. No encontro, que ocorreu do dia 3 a 6 de novembro, em São José dos Campos (São Paulo), participaram 95 equipes, divididas nas categorias micro, regular e avançada. Mestrando em Engenharia Elétrica, o capitão Igor Lins e Silva afirma que o grupo busca reunir estudantes com interesse na área.

– Agregamos pessoas com paixão por aviação, por aeromodelismo, que pilotam. Nosso maior objetivo é fazer com que se divirtam com o Aerodesign. No laboratório, as pessoas aprendem, mas devem estar felizes com isso – diz o capitão.

Igor comenta que a pontuação do voo, na categoria avançada, é dada em relação à carga e velocidade do avião. Após o voo, um integrante deve retirar a carga do avião o mais rápido possível. A equipe da PUC obteve tempo de retirada de 2,8 segundos, o que lhe rendeu uma menção honrosa.



Avião de 3,17 metros de envergadura foi construído em dez meses no Laboratório de Aerodesign da PUC



Equipe na competição nacional em São José dos Campos, São Paulo

Estudante de Engenharia Mecânica, Pablo Milheiro conta que o projeto desenvolvido para a competição simula como os aviões são feitos na indústria. Ressalta, ainda, que a PUC, como a maioria das universidades brasileiras, não tem um departamento de engenharia aeronáutica. Para ele, isso torna desafiador o aprendi-

zado dos conceitos ligados diretamente à área.

– Mesmo se você faz Engenharia Mecânica ou Elétrica, não pode tirar dúvidas sobre aeronáutica em cadernos da matéria. Temos que pegar livros que nunca foram falados em sala, correr atrás de literaturas que não conhecemos, ou que não há quem indique – afirma Pablo.

Estudante de Engenharia de Controle e Automação, Renan de Lima destaca que o processo de construção do avião ocorre no laboratório e começa com a divulgação do regulamento pela SAE Brasil. Os estudantes desenvolvem rascunhos de ideias para a realização do modelo 3D do avião. Nessa etapa, o grupo é

dividido em subáreas, como aerodinâmica, desempenho e projeto elétrico. Após o término do projeto, todos são responsáveis pela construção. Renan explica que o grupo construiu três aeronaves, duas foram para a competição em São José dos Campos, e uma, o protótipo, caiu durante o voo, no fim de julho.

– Quando colocamos o avião para voar, já passamos por muita coisa. Nós vemos o projeto, que há quatro meses era um rascunho, na pista, pronto para decolar. Na primeira vez em que botamos o avião para voar, ele caiu. Cair é pensar no erro, realizar as alterações e reconstruir.

De acordo com Renan, a maior dificuldade do projeto é conciliar o trabalho no laboratório com a vida acadêmica e pessoal dos alunos. Ele caracteriza a equipe como um organismo vivo, e reitera que atrasos ou falhas em uma parte do processo afetam todo o projeto.

O aluno afirma a importância das redes sociais ao mostrarem os métodos construtivos do projeto para equipes de menor porte. Aluna de Engenharia de Produção, Dominique Deschatre considera que isso representa uma tentativa de divulgar conhecimento. Ela conta que o laboratório já produziu um vídeo *time-lapse* do processo de laminação, que consiste na fabricação das peças em fibras de carvão.

– Um dos principais processos utilizados é a laminação. Nós nos aperfeiçoamos nisso há cinco anos, desde que a equipe atual surgiu. Somos sempre muito elogiados na competição, nossa equipe é uma das poucas que realiza isso com maestria.

Para Dominique, 2016 foi um ano histórico, porque foi a primeira vez em que eles voltaram da competição com os dois aviões intactos. A aluna enfatiza a multidisciplinaridade da operação, que envolve áreas como aerodinâmica, projeto elétrico, design e finanças. Segundo ela, a equipe está muito feliz com o resultado dos esforços realizados e está unida e focada em trazer o título para o Brasil e para a Universidade.

– Sempre que botam o avião na pista, dá aquele frio na barriga. Pensamos ‘é agora, será que vai voar?’. Mas sempre que voa, é uma concretização de que o projeto deu certo, de que tudo que fizemos valeu a pena.

“ Nós vemos o projeto, que há quatro meses era um rascunho, na pista ”

Renan de Lima

NA Estante

Editora PUC



Nietzsche – vida e pensamento, volume II



Educadores no rádio: programas para ouvir e aprender (1935-1950)



Secularização: novos desafios

www.editora.vrc.puc-rio.br

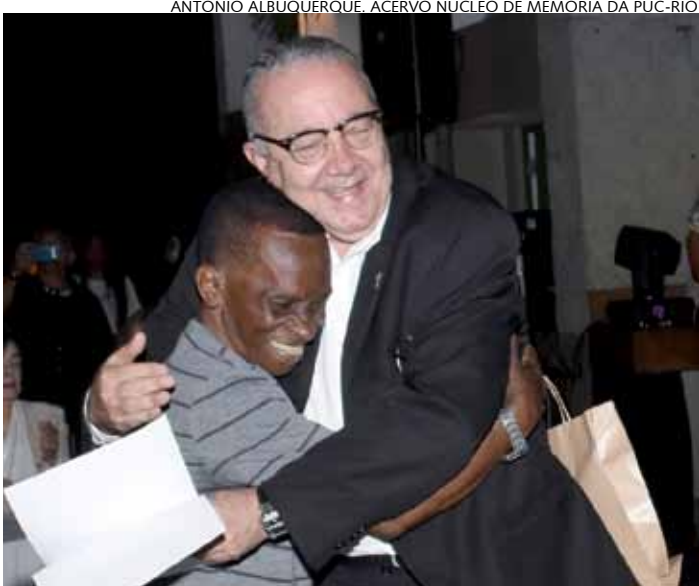
Charles Andler, germanista francês, escreveu a mais completa biografia intelectual de Nietzsche, dividida em três livros. Em Nietzsche: vida e pensamento, volume II, o autor identifica o “pessimismo estético” do filósofo, sua constatação do “renascimento da tragédia” na cultura e a formação da “filosofia da ilusão”.

Obra da professora Patrícia Coelho, do Departamento de Educação, apresenta a relação entre rádio e educação nos anos de 1935 a 1950. No livro, foram analisados os conceitos de educação por meio do rádio, as táticas para a conquista do espaço na programação das emissoras comerciais e a recepção das produções.

Análise do processo de secularização – laicização das instituições e da sociedade é a proposta do livro organizado por Maria Clara Bingemer e Paulo Fernando Carneiro de Andrade. A obra reflete o impacto da modernidade nas religiões e é fruto de parceria entre o CTCH da PUC-Rio e a Universidade DePaul, Chicago.

CRÔNICAS DE MEMÓRIA
250 anos de PUC-Rio

Um sorriso e boas lembranças



Chiquinho e o Reitor padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., na homenagem aos funcionários (2016)

Francisco Faustino Filho, mineiro de Barbacena, filho de Dona Guiomar, chegou à PUC-Rio aos 19 anos de idade. Dono de um sorriso cativante e de uma fala calma foi apelidado pelos amigos de trabalho como Chiquinho. Atribui a sua mãe a responsabilidade por sua admissão como funcionário.

Chiquinho relembra saudoso da mãe mineira que vendia doces nas imediações da PUC-Rio para sustentar a família. Ela sonhava com a possibilidade de o filho trabalhar na Uni-

versidade, o que era também uma estratégia para ele não prestar o serviço militar obrigatório e se distanciar dela. Dona Guiomar intercedeu junto aos padres, principalmente ao Padre Laércio Dias de Moura S.J., então Reitor da Universidade, por uma oportunidade de trabalho para o filho.

Para alegria de sua mãe, Chiquinho não foi convocado para servir ao Exército e ingressou na PUC-Rio para auxiliar em diversas tarefas. Na ocasião, a Universidade tinha um quadro muito reduzido

de funcionários. Os primeiros anos de trabalho foram repletos de novidade e encantamento para o recém-chegado menino do interior de Minas Gerais. Lembra-se do período de mudança de alguns setores para a nova Ala Kennedy e da Vila dos Diretórios como local de moradia de funcionários da Universidade.

Durante os 50 anos de PUC-Rio, Chiquinho passou por diversos setores e atualmente trabalha no CETUC, onde é referido como a alegria das festas. Orgulha-se muito da filha formada em psicologia na PUC-Rio e dos dois filhos que trabalham na Universidade, Jeferson e Leandro. É aposentado há mais de 10 anos e não pensa em deixar suas atribuições tão cedo. Não consegue se imaginar longe da Universidade que o acolheu, lugar que, segundo ele, lhe proporciona paz e boas lembranças. Chiquinho encerra com os olhos brilhantes e marejados de emoção: “Não sinto mais a PUC como um trabalho. Parece que saio de uma casa e entro em outra”.

■ MILENA PEREIRA E CAREN FERREIRA
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

Ações sociais que transformam vidas

Com mais de 30 projetos, Universidade honra os adjetivos de católica e filantrópica

GABRIEL FRANCO E THAÍS SILVEIRA

humano respeito
inclusão coletividade
representação
realizar conquista valores
solidariedade
chance ciência
oportunidade social
fraterno igualdade
parceria
ganho
conhecimento
mudança

AGÊNCIA PUC-RIO



Presépio de Rolhas - Agência.Com, TV Pixel e Editora PUC-Rio

LOUVADA SEJA TODA A
TRANSFORMAÇÃO QUE
EVITA O DESPERDÍCIO.

Professores, alunos e funcionários do COMUNICAR
desejam a todos um 2017 transformador.

A vida merece ser louvada.
Casa comum, todo cuidado é pouco.

COMUNICAR PUC-RIO

Como transformar rolhas em presépio: veja o tutorial em www.agencia.vrc.puc-rio.br

Vice-Reitor Comunitário, Augusto Sampaio

FOTOS FERNANDA P SZUSTER

Desde de a fundação da PUC-Rio, a instituição teve papel atuante nas questões sociais. A Universidade é comunitária, isto é, além de desenvolver pesquisa, ensino e extensão, desenvolve também um trabalho filantrópico. Segundo o Vice-Reitor Comunitário, professor Augusto Sampaio, o carro-chefe dos projetos sociais é a bolsa. Para preparar quem não tem condições financeiras de pagar um curso de ensino superior, a PUC-Rio oferece diferentes tipos de bolsas.

Para o Vice-Reitor, a PUC era vista como a universidade que atendia à elite. Mas, aponta, ao longo da história, os programas de bolsa permitiram que outro público tivesse acesso aos estudos.

– O que abriu a porta para esses jovens foi o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), que começou com o franciscano Frei David. Criado nas comunidades, o projeto chegou à PUC em 1993.

Além das bolsas, o Vice-Reitor Comunitário ressalta outros projetos desenvolvidos na PUC ou em parceria com a Universidade – atualmente, são mais de 30. Eles promovem um papel social importante, desde a entrada do aluno no ambiente acadêmico até atividades como esporte e atendimento psicológico. Dentre eles, estão a Unicom, o Nead, a RAE e a Vila Olímpica Clara Nunes.

Os projetos sociais da PUC promovem mudanças nas comunidades, porém, a instituição também recebe retorno.

– Com as bolsas e os projetos, a Universidade justifica o adjetivo de católica. Isso complementa os nossos princípios e valores

éticos. A bolsa é o efeito concreto de ajudar os menos favorecidos pela sociedade – ressalta.

De acordo com Sampaio, o sistema de bolsas da PUC serviu como inspiração para o Ministério da Educação criar o Programa Universidade para Todos (Prouni), definido por lei, em 2005.

A PUC já instituiu as bolsas integrais para o estudante que tivesse renda familiar bruta mensal de até um salário mínimo e meio por pessoa. Para as bolsas parciais de 50%, a renda familiar deve ser de até três salários mínimos por pessoa. Porém, segundo Sampaio, o projeto do MEC apresenta imperfeições, como a obrigatoriedade do estudante de Prouni ter cursado escola pública.

Além disso, muitos alunos bolsistas moravam longe da Universidade e não tinham condições de pagar a passagem. Com isso, foi criado o Fundo Emergencial de Solidariedade (FESP) da PUC-Rio, que oferece transporte e alimentação. O programa foi iniciado por doações de professores e funcionários, e depois financiado pela Companhia de Jesus, até funcionar com verba da PUC. Quase a totalidade da arrecadação com o estacionamento é para manter o FESP.

Promover troca de conhecimento entre alunos e moradores de comunidades é o objetivo do projeto UNiversidade-COMunidade (Unicom). O estudante de Engenharia Elétrica da PUC-Rio Eduardo Carvalho, de 22 anos, é professor voluntário de Física desta iniciativa. Ele trabalha no Projeto Parque Vivo, no Parque da Cidade, programa da prefeitura que cede o espaço para o Unicom. Ele entrou no projeto em abril deste ano para realizar o desejo de dar aulas e de fazer trabalho voluntário.

Carvalho relembra de ter dado aula para apenas uma aluna. Ele refletiu sobre o sentido de usar duas horas da semana para ensinar a apenas uma estudante, mas concluiu que não importa o número de alunos, e sim a diferença que ele pode fazer na vida deles. Isso o motivou a continuar como voluntário.

– Acredito que o conhecimento seja uma ferramenta que abre portas para muitos sonhos. No Parque da Cidade, encontrei uma forma de

compartilhar experiências e fazer parte das conquistas de pessoas da comunidade.

Vinculado à Coordenação Central de Estágios Serviços Profissionais da Universidade (CCESP), o Unicom existe desde 1978 e atua na Rocinha, em Senador Camará, no Parque da Cidade e em Acari e oferece serviços como aulas de inglês, reforço escolar, alfabetização de adultos, passeios culturais, oficinas de arte e cinema e atendimento psicológico. Assim como outras ações sociais existentes na Universidade, o projeto é uma forma de estender o ensino para fora do campus.

Uma das alunas é a estudante Larissa Martins, de 18 anos. Ela conheceu o Unicom por meio de um anúncio do Projeto Parque Vivo, em 2015. Larissa entrou para o programa com o objetivo de se preparar para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e tinha interesse na área de saúde. Ela conta como a experiência foi positiva.

– Os professores eram maravilhosos, e me passavam uma confiança inacreditável. Consegui ir muito bem no Enem, principalmente nas exatas, que eram as que eu tinha mais dificuldade.



Danúzia Costa veio de Sergipe para o Rio de Janeiro em 2008, aos 19 anos, com o sonho de estudar. Mas, quando terminou o Ensino Médio, não sabia qual carreira seguir. Estudante de escola pública, ela passou para Serviço Social na PUC e na Uerj em 2012 por meio do pré-vestibular comunitário Invest. Optou pela primeira opção, porque já sonhava com a Universidade. Para custear as despesas no Rio, ela também precisou trabalhar em uma casa de família. O interesse pelo curso veio por sugestão da ex-patroa, que era psicóloga. Hoje, Danúzia, de 28 anos, moradora da Rocinha, se diz realizada profissionalmente e afirma que fez a escolha certa.

Pelo Invest, Danúzia conseguiu uma bolsa filantrópica na Universidade. Criado em 1998 por um grupo de ex-alunos do Colégio Santo Inácio, em Botafogo, o projeto é desenvolvido em parceria com a PUC-Rio. Dezoito anos depois, o curso cobre todas as disciplinas de vestibular, psicopedagogia e atividades extracurriculares com uma equipe de voluntários. Além disso, Danúzia recebeu apoio do Fundo Emergencial de Solidariedade (FESP) da PUC-Rio, que oferece transporte e alimentação. Já o Núcleo de Orientação e Atendimento Psicopedagógico (NOAP) e o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade proporcionaram um suporte psicológico no fim do curso.

A primeira experiência profissional de Danúzia, na área de Serviço Social, foi na Clínica São Vicente e no Hospital Miguel Couto, ambos na Gávea. Na primeira, ela ficou no setor de ouvidoria e desenvolvia pesquisas de qualidade. Já no Miguel Couto, a interação com os pacientes era mais direta: buscas de referência familiar, entrevistas com a família e orientações com relação à documentação. Além disso, ela também ganhou uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para desenvolver pesquisa no Hospital.

– Tive a experiência do privado e do público, que são dois mundos muito diferentes – observa.

Danúzia se formou em julho deste ano e, agora, é trainee da ONG Saúde Criança Responder, no Parque Lage. Ela trabalhou lá por um ano e meio como estagiária na área de assistência social. O convite veio da coordenadora do projeto, Cida Paranhos. As crianças atendidas pela ONG são do Instituto de Cardiologia Aloísio de Castro (Iecac) e do Hospital Miguel Couto. Segundo Danúzia, a equipe médica e de serviço social dessas instituições percebem uma vulnerabilidade e encaminham os pacientes para o serviço social da ONG. O programa é uma franquia social: também existe o Saúde Criança Renascer. A organização aceita doações mensais por meio de programa de sócios e campanhas. Danúzia explica a importância do projeto para ela e para as crianças atendidas.

– Eu queria uma experiência fora da área saúde antes de me formar. O projeto é maravilhoso. Desenvolvemos trabalhos com as famílias, voltados para a saúde da criança.



O professor do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio Marcelo Luciano Vieira, 41 anos, vivenciou o ambiente acadêmico de vários ângulos: ele passou pela Universidade como aluno, ex-aluno e professor. A trajetória profissional dele começou pela luta política. Antes de entrar para a Universidade, ele participava do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan), um projeto nacional de combate à doença.

A partir do envolvimento com a saúde pública, Vieira participou do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems), na Baixada Fluminense. A Vice-Reitoria Comunitária fez contato com o Conselho para que alunos da PUC fizessem parte da iniciativa, que estava vinculada ao Departamento de Serviço Social da Universidade. Foi assim que ele teve contato com o curso.

A busca pelo ensino superior surgiu para melhorar a remuneração. Em 2003, ele ingressou no curso de Serviço Social. Ao longo da graduação, porém, o professor descobriu um espaço de conhecimento na Universidade, que não estava só na sala de aula: ele começou a militar no movimento estudantil e, nos intervalos das aulas, promovia debates com os colegas de curso.

– O Serviço Social é interdisciplinar. Ele bebe da

história, da sociologia, da política e, até mesmo, da economia. O conhecimento é uno. Antigamente, o matemático era também um filósofo.

Ainda no início da graduação, ele parou de trabalhar para se dedicar aos estudos e recebeu uma bolsa de ação social. Na época, morava em Belford Roxo.

Vieira terminou o curso em 2006 e, logo depois, ingressou no mestrado na PUC-Rio para estudar a relação da hanseníase com as baixas condições de vida dos doentes. O professor explica como o mestrado foi importante para a formação acadêmica dele.

– Fiz o mestrado com orientação do professor Ricardo Ismael. Ele trouxe a ideia de discutir teoria. Eu era um militante muito forte, que trazia o mundo real para a Universidade. Mas meus argumentos eram esvaziados de teoria.

Ao entrar para o Tribunal de Justiça como assistente social, Vieira trabalhou diretamente com a questão da violência doméstica. Com a experiência, ele ganhou consciência da importância da igualdade de gênero para o mundo. Em seguida, no doutorado, na Fiocruz, ele também se deu conta do movimento negro.

Em 2011, surgiu uma oportunidade de dar aula na PUC-Rio, na disciplina Seminário de Saúde Pública, no Departamento de Serviço Social, e também de atuar na coordenação de estágio do curso. Neste ano, ingressou no pós-doutorado, na Uerj, sobre Engajamento Público para Saúde na América Latina.

Danúzia Costa



Larissa Martins

Marcelo Luciano

Luciana Barreto



FOTO GABRIEL MOLON

Ela retoca a maquiagem e o cabelo, desce para gravar uma chamada do telejornal no estúdio, edita o texto de uma reportagem em seguida e finaliza o espelho (ordem das matérias do jornal) antes de ele ir ao ar. Por fim, ela entra ao vivo. Esse é um pouco da rotina de Luciana Barreto, de 39 anos, apresentadora e editora-executiva do Repórter Brasil Tarde, da TV Brasil. Segundo ela, um bom profissional deve saber fazer tudo, ou seja, colocar um telejornal no ar. Uma visão que foi construída ao longo dos anos de trajetória no jornalismo, que começou com uma bolsa de estudos na PUC-Rio em 1997.

Desde criança, Luciana sonhava em ser jornalista. Achava que a profissão tinha um poder de denúncia e de mostrar a realidade ao dar voz a quem não tem.

A graduação, no entanto, ainda era um plano distante. Luciana estudava em escola pública, o pai era motorista de ônibus e a mãe, ativista de movimentos sociais e educadora. Ela conta que a oportunidade de entrar para a Universidade surgiu por meio do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), que fez uma parceria com a PUC.

– As pessoas falam muito em meritocracia, mas a largada não é a mesma para

todos. Minha família nunca teve um universitário, em nenhuma geração. Fui a primeira – ressalta.

Durante a graduação, a jornalista passou por algumas dificuldades. Ela morava em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, e tinha que acordar às 3h30 para estar na sala de aula às 7h. O valor da passagem era quase metade do salário dos pais dela. Por isso, ela trabalhava para ajudar nos custos. Durante uma época, ela chegou a cursar, ao mesmo tempo, História na UFRJ e Jornalismo na PUC.

Luciana é militante da questão étnico-racial no Brasil e de Direitos Humanos. Ela era ligada à Igreja Católica e já tinha um descontentamento em relação às questões sociais. Mas o ativismo só veio com a profissão. Ao trabalhar como repórter pela primeira vez, no GNT, ela conta que começou a ter noções dos padrões que a TV e a sociedade impõem.

– Eu tinha uma resistência em aparecer, relacionada à autoestima. Foi quando descobri que nós carregávamos estigmas, problemas gravíssimos da nossa formação, decorrente da TV brasileira. Ela entra nas nossas casas e impõe um padrão, que destrói a identidade da criança negra.

O caminho para a televisão não foi planejado: o sonho de Luciana era trabalhar com jornalismo impresso, mas as oportunidades que surgiram foram para telejornalismo. Ela começou a carreira no Canal Futura, como estagiária. Depois do GNT, ela foi chamada pela Band News para cobrir a Guerra do Iraque. Também passou pela TV Bandeirantes até chegar à TV Brasil, onde está há mais de dez anos.



FOTO FERNANDA P. SZUSTER

Davison Coutinho, de 26 anos, é autor do livro *Um olhar sobre a produção cultural na Rocinha*, que reúne 12 iniciativas culturais da favela. Incomodado com o estigma que a comunidade onde mora ainda sofria, Coutinho lançou a publicação como trabalho final dele no curso de Desenho Industrial na PUC-Rio em 2013. O projeto teve apoio da Universidade e do Jornal do Brasil. Para chegar a este trabalho, Coutinho percorreu um longo caminho, iniciado aos 12 anos, no Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (Neam).

Em 2002, ele fez um curso de informática na PUC-Rio que propiciou, depois, a entrada no projeto, a convite da diretora, Marina Lemetite Moreira. Hoje, ele é funcionário do Neam, professor de um curso de extensão de Adobe InDesign e de Photoshop na PUC-Rio e colunista do Jornal do Brasil.

– Comecei a participar de um conjunto de atividades para adolescentes de comunidades. Nesses cursos, me interessei pela parte de infor-

mática e comecei a cuidar da parte técnica do Neam, ainda como aluno. Ao fazer 18 anos, ele passou para o vestibular da PUC-Rio. Inicialmente, ganhou bolsa filantrópica, mas, como foi chamado para trabalhar no Neam, passou para a bolsa de funcionário.

Durante a graduação, foi professor do mesmo curso de informática que o fez conhecer o Neam. Também ministrou aulas em que repassava técnicas que adquiria no curso de Design. Ao terminar a graduação e lançar o livro, Coutinho passou para o mestrado em Artes&Design, em 2014, e foi chamado para trabalhar no Jornal do Brasil, na coluna Comunidade em Pauta.

– Comecei a refletir mais sobre a questão da comunidade. Com isso, assumi uma comissão de moradores em que articulo junto à prefeitura e ao governo, e, hoje, tenho ação de liderança comunitária na Rocinha.

Após concluir o mestrado, Coutinho entrou em um projeto com artesãs no Museu de Favela do Canta-

galo (MUF), em que desenvolve produtos que representem a comunidade, na exposição Mulheres Guerreiras. Segundo ele, é uma troca da realidade das mulheres na favela e dos conceitos de Design adquiridos por ele.

Sobre o Neam, Coutinho afirma que a experiência é de capacitação do jovem. Depois dos cursos, alguns alunos são chamados para participar do projeto Jovem Aprendiz, em que são encaminhados para trabalhar em algum departamento da PUC. O principal desta experiência é o contato com a Universidade.

– O maior aprendizado da PUC é a própria universidade. Se o Neam não fosse na PUC, ele não teria o mesmo resultado. Nosso maior prazer é poder dar oportunidade. É muito bom gerar independência para os jovens.

Davison Coutinho

Parceria: Iniciativa entre a Universidade e instituições moçambicanas planeja acervo digital

Registros de uma marginalização

Projeto busca contribuir para o ensino de história africana

FOTOS ACERVO DIGITAL DA HISTÓRIA E CULTURA SWAHILI DO NORTE DE MOÇAMBIQUE



Na foto maior, dança Tufo, manifestação cultural swahili em Moçambique

Na foto ao lado, reunião das mulheres da confraria muçulmana Shadhiliyya

JULIA NOVAES

Único projeto da área de história entre os 15 selecionados no edital ProÁfrica do CNPq, de 2014, o Acervo Digital da História e Cultura Swahili do Norte de Moçambique busca auxiliar professores brasileiros e moçambicanos na construção de narrativas históricas menos centralizadas na Europa. Desenvolvido pelo Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente (Nirema) e o Laboratório Interdisciplinar de Memória e Patrimônio Cultural (Le-ehpac), o programa tem o objetivo de reunir registros dos povos swahili no país africano e construir uma plataforma on-line de amplo acesso a escolas, pesquisadores e qualquer um que se interesse pelo assunto.

A iniciativa, que, a princípio, terá duração de dois anos, foi planejada pelas professoras do Departamento de História Iamara da Silva Vianna e Juçara da Silva Barbosa de Mello, que lecionam a cadeira de Ensino de História, e Regiane Augusto de Mattos, de História da África, em parceria com Alberto Calbe Jaime e Chapane Mutiua, pesquisadores da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, capital de Moçambique.

O começo foi em maio de 2016, quando foi organizado na PUC-Rio um seminário com os pesquisadores moçambicanos, que vieram ao Brasil para trocar experiências de pesquisa. Segundo Regiane, na segunda fase do projeto, as professoras passaram o mês de julho no norte de Moçambique para coletar material – como fotografias, vídeos, entrevistas, cópias de documentos históricos mantidos pelas famílias. Depois da sistematização do material bruto, tudo estará disponível em um site.

– Fizemos também um seminário na Universidade Lúrio (Nampula, norte de Moçambique) com professores e alunos da universidade e de escolas da região. Também estavam lá lideranças locais, autoridades da prefeitura e o diretor do museu histórico.

Os swahilis são um grupo étnico-cultural que surgiu no norte de Moçambique durante a expansão muçulmana para a África, com a entrada, no século IX, de árabes e persas na região. Regiane explicou que, gradualmente, essa comunidade foi deixada na

base da hierarquia das culturas no país por algumas questões: devido ao fato de ela ter sido comerciante de escravos, às imposições da colonização portuguesa e, na descolonização, quando houve formação de uma identidade nacional moçambicana. Juçara destaca que isso se reflete no ensino de história nas escolas do governo, feito de uma perspectiva eurocêntrica.

– Uma jovem nos disse que se questionava por que não se falava da cultura dela na esco-

la. É como aqui. As crianças aprendem a cultura da família em casa, mas se isso não é passado na escola, de forma meio automática, ela assimila que sua história é menos importante.

De acordo com Iamara, mesmo marginalizados, esses grupos ainda vivenciam fortemente as manifestações culturais e saberes tradicionais, e existe a preocupação em passar esse conhecimento para as novas gerações. A língua materna, por exemplo, ainda tem muita força, apesar de o

governo moçambicano impor o estudo do português.

– Em casa, as crianças falam o narrara (variação do swahili). Só aprendem o português quando vão para a escola. Nas madraças, escolas muçulmanas, aprendem o árabe. Mas quando saem da aula, voltam a falar o narrara.

Segundo Juçara, o ensino da história também poderia aumentar a autoestima dos swahili e fazê-los desenvolver uma reflexão crítica sobre como a cultura é vivenciada

e vista na sociedade. Nesse sentido, um outro objetivo do Acervo Digital é ajudar a problematizar a transformação dessas manifestações em patrimônios culturais, o que, para ela, pode revesti-las com um ar de excentricidade.

– Não sei até que ponto o reconhecimento como patrimônio foi algo positivo para a população. Isso significou uma inclusão ou só serviu para mostrar aos turistas?

No âmbito legal, no Brasil, o ensino da disciplina e cultura afro-brasileira nos colégios e universidades se tornou obrigatório em 2003, com a promulgação da Lei Federal 10.639 – apesar de a aplicação ainda encontrar obstáculos. Para Iamara, a situação entre os dois países é próxima, e o projeto, ao buscar a reflexão do papel do ensino de história africana para reverter a marginalização do povo swahili oferece oportunidade ao Brasil de aperfeiçoar o que já foi feito.

– Há muito de Brasil em Moçambique, e muito de Moçambique no Brasil.

Inovação: Agência de Projetos de Pesquisa Avançada dos Estados Unidos, ligada ao Pentágono, financia Hermes

Robô a serviço da humanidade

Ex-aluno de Engenharia Mecânica, João Luiz Ramos desenvolve máquina

CAMILA DE ARAUJO

Um robô de reflexos humanos, controlado em tempo real, foi criado pelo ex-aluno da PUC-Rio João Luiz Souza Ramos, de 27 anos, doutorando no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), onde desenvolveu a máquina. Hermes, como o projeto foi batizado, tem o propósito de substituir a presença humana em ambientes hostis. Ele executa os movimentos de outra pessoa captados por sensores. O estudo recebe financiamento parcial da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa dos Estados Unidos (Darpa), ligada ao Pentágono.

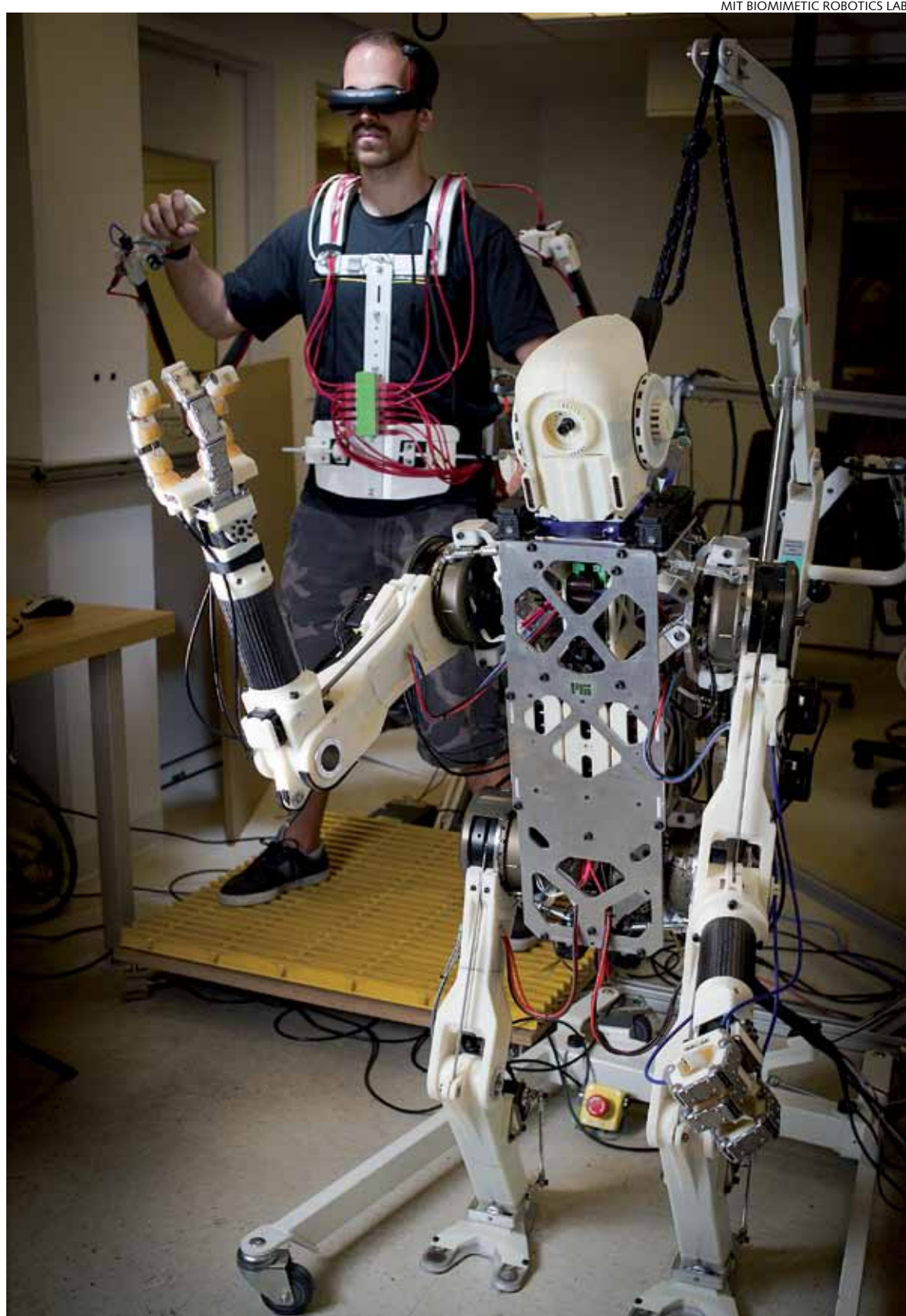
Na construção de Hermes, além de Ramos, o também doutorando Albert Wang participou da montagem do robô de 1,20 metro e 45 quilos. Posteriormente, dois alunos de mestrado passaram a integrar o projeto. Eles trabalham com o Balance Feedback, estrutura que aplica pressão no quadril do operador para sinalizar se o robô está em situação de perigo.

O desastre de Fukushima, em 2011, no Japão, foi o estopim para a pesquisa e o de-

“
Enviar robôs
como Hermes
para locais
arriscados ao
ser humano é
a ideia”

João Luiz Ramos

envolvimento de máquinas capazes de atuar em locais perigosos. Segundo Ramos, a tragédia chamou atenção da comunidade robótica, já que, na época, não havia tecnologia suficiente para desligar as válvulas de resfriamento quando a usina superaqueceu. De acordo com o brasileiro, Hermes foi criado para substituir o ho-



Funções são controladas simultaneamente por operador que veste exoesqueleto, também projetado no MIT

mem onde há risco.

– Enviar robôs como o Hermes para locais arriscados ao ser humano é a ideia, como incêndios e desastres – afirma Ramos.

O operador veste um exoesqueleto que é composto por fios e sensores e permite que ações de Hermes sejam controladas por ele. Ao utilizar óculos especiais, este operador consegue

ter a visão do robô por meio de uma câmera acoplada na cabeça da máquina. Ramos comenta que o exoesqueleto registra os comandos do ser humano e, a partir disso, o humanoide se movimenta de forma mimética.

– Desenvolvemos o sistema de robôs de combates da PUC-Rio, Riobotz. Ele ressalta como foi importante lidar com proble-

forças no quadril, que sinaliza se a máquina perdeu o equilíbrio ou está em risco. Com a funcionalidade, o operador pode controlá-la por meio dos próprios reflexos – explica.

João integrou a equipe de robôs de combates da PUC-Rio, Riobotz. Ele ressalta como foi importante lidar com proble-

mas e soluções de forma prática

– Na sala de aula, aprendemos a teoria, o que é ótimo, mas, na Riobotz, observamos uma estrutura física e sabemos como realizar a montagem de modo apropriado. O tempo que passei na área, dentro da PUC, foi essencial ao entrar no MIT porque, além da Riobotz ser internacionalmente prestigiada, meu orientador, aqui, busca profissionais com experiência em hardware – relembra o doutorando.

O coordenador da Riobotz, professor Marco Antonio Meggiolaro, do Departamento de Engenharia Mecânica, pontua o desempenho de João.

– Como aluno, o João sempre teve um grande destaque, com uma sólida base teórica. Na equipe da Riobotz, ele mostrou uma grande contribuição no projeto mecânico, lógico e autônomo das máquinas – relembra Meggiolaro.

O professor, que esteve no MIT e conheceu o robô de reflexos humanos, destaca o potencial inovador da máquina.

– O Hermes é um robô com grande complexidade mecânica e conceito de programação inovador ao inserir o fator humano. Antes, se tentava uma operação unidirecional ou autônoma entre o homem e a máquina. Com o Hermes há um bom meio termo – avalia o professor.

Segundo Ramos, o nome do robô, igual ao deus mensageiro na mitologia grega, não passa de uma coincidência, uma vez que a criação, na realidade, significa High Efficient Robotic Mechanical Electrical.

Já perguntaram até se o nome do robô tinha a ver com a marca de perfume, mas ele não alude à divindade, Hermes é uma abreviatura – revelou Ramos.

João Luiz Souza Ramos é mestre em Engenharia Mecânica pela PUC-Rio, mesma instituição em que se graduou. Nos EUA, ele divide o tempo entre atividades no Laboratório de Robótica Biométrica, práticas de remo e, também, frequenta aulas de desenho e artes.

Solidariedade: Com mais de cem colaboradores, iniciativa financiada via crowdfunding constrói reservatórios de água

Esperança para vidas secas

Cisternas no semiárido pernambucano garantem subsistência de famílias



FOTOS DIVULGAÇÃO

O projeto Água para Vidas tem como proposta a participação de forma ativa dos moradores na construção e manutenção dos reservatórios



Com capacidade de 16 mil litros, a cisterna armazena a água da chuva

JULIANA VALENTE

Cimento, ferro, areia, água e vedacit são, hoje, a esperança de famílias em diversos municípios da região do semiárido pernambucano.

O Água para Vidas, em parceria com a ONG Habitat para Humanidade, coordenado pela ex-aluna de Engenharia Ambiental, Raquel Flinker, possibilita que essas comunidades rurais tenham acesso à água potável. Isto é possível graças à instalação de calhas ao redor

dos telhados com uma tubulação que leva a água captada da chuva para cisternas, com capacidade de 16 mil litros.

Há cinco anos não chove como deveria no sertão e, por isso, a seca tem se alastrado. A região sofre, tradicionalmente, com a má concentração das chuvas que ocorrem com grande intensidade em um curto espaço de tempo. Como a principal forma de subsistência é a agricultura, a falta de água torna a situação econô-

mica e social do sertanejo cada vez mais vulnerável.

Os reservatórios dos açudes perdem, em média, um metro do volume por ano por causa de evaporação. E, durante o período de estiagem, a única forma de obtenção de água é por meio de caminhões pipa de 15 mil litros de água, oriundos do Exército brasileiro em convênio com o governo federal. Responsável por recrutar os alunos voluntários que vão participar das próximas construções das cisternas, o professor José Araruna, do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, ressalta a necessidade do projeto para os sertanejos.

– Há uma tendência de que ano que vem a verba desse programa diminua, o que fará com que o Água para Vida se torne cada vez mais essencial. Esse projeto é importante, pois permite que essas famílias tenham condições de subsistência no próprio local e evita o problema da imigração do sertão para os polos urbanos. Lá, eles andam debaixo de um sol forte, em média quatro quilô-

metros, com uma lata de mar garina, para trazer dez litros de água. A partir do momento em que se tem a possibilidade de conseguir isso em casa, é uma felicidade total e ameniza o sofrimento da população que já é bem castigada.

A construção de 300 cisternas é a nova meta do projeto Água para Vidas. Para Araruna, o maior ganho que se tem ao participar do projeto é a aculturação.

– Essa experiência permite que você veja e viva uma outra realidade e necessidade do país. Acho que a maior alegria desse projeto é poder empregar os conhecimentos que se obteve na faculdade e levar felicidade para uma comunidade tão sofrida e carente de recursos.

Apaixonada por questões hídricas, Raquel Flinker, ex-aluna de Engenharia Ambiental, possui no currículo vasta participação em ações ligadas ao assunto. Formada em 2009, ela conta que o projeto surgiu de uma vontade antiga, com o namorado, de participar de um trabalho social de

média duração.

– O meu interesse em água é antigo. Tenho mestrado em recursos hídricos e já participei, com a organização Engenheiros Sem Fronteiras, nos Estados Unidos, e de ações internacionais com o foco em água. Lá, fiz parte de um projeto com a ONG Habitat para a Humanidade durante a reconstrução de New Orleans pós-Katrina. E o meu namorado instalou filtros de água

“
O Água para
Vidas ameniza
o sofrimento
do sertanejo
que já é bem
castigado”

José Araruna

no Haiti no ano passado. Por isso, decidimos fazer algo juntos. Entramos em contato com a Habitat para a Humanidade no Brasil e eles falaram do projeto das cisternas. Na hora, soubemos que queríamos fazer parte dele.

O projeto da engenheira foi bancado, via crowdfunding, por mais de 100 colaboradores. A arrecadação foi usada para ajudar a ONG Habitat para Humanidade na construção de cinco cisternas. O requisito para os beneficiados era viver com uma renda mensal de até meio salário mínimo, com preferência para famílias com crianças e idosos. Segundo Raquel, uma das propostas é fazer com que os moradores participem de forma ativa na construção.

– Nós fornecíamos o alimento e a família era a responsável por cozinhar o nosso almoço. Eles também cavavam o buraco da cisterna antes de chegarmos e, durante a construção, pelos menos um integrante nos ajudava. A ONG capacita as famílias para fazer a manutenção adequada das cisternas.

Comportamento: Sentimento de Natal é esquecido em detrimento do apelo do comércio

Rituais e tradições na era do consumismo

Professores analisam práticas de troca na sociedade contemporânea durante o Fim de Ano



Arte de Minas Gerais para representar a Sagrada Família



Presépios relembram o nascimento de Jesus, celebrado em dezembro

PAULA KRAIZER

Apesar de o Natal ser oficialmente no dia 25 de dezembro, no comércio e na mídia, a data chega com antecedência. Em alguns lugares, após o Dia das Crianças, em outubro, os preparativos para o Fim de Ano já começam e o espírito natalino acaba substituído pela corrida às compras.

A professora Tatiana Siciliano, do Departamento de Comunicação Social, afirma que não existe uma sociedade sem consumo. Segundo ela, atos simples como comer, se vestir, utilizar o transporte público são exemplos de práticas que envolvem o consumo. Para a professora, toda comunidade tem atos e rituais – aniversário, Páscoa, casamento, Natal – que são fundamentados por trocas. Estas poderiam ser apenas simbólicas, porém, a sociedade ocidental contemporânea valoriza as lembranças que têm o consumo como um dos pontos principais.

– Atualmente, essas trocas têm sido intensificadas cada vez mais de forma comercial,

com uma propaganda forte. A satisfação parece prometida se você ganhar um presente, quer dizer, situações criadas em que produtos e serviços são promotores de uma felicidade ou integração. E acaba que certas festividades ficam esvaziadas para a emergência do consumo.

A forma pela qual a sociedade se organiza e atribui valor aos bens materiais é o que distingue o consumo do consumismo. De acordo com Tatiana, o primeiro é importante para a sobrevivência do ser humano, para suprir necessidades, como alimentação, lazer, serviços. Já o consumismo é um modo de vida orientado por uma constante busca destes produtos e serviços, mas visa ao prazer e à sensação de pertencimento a um nicho da sociedade.

– Quando falamos de consumismo, nos referimos a um efeito nocivo, uma patologia, em que as pessoas vivem para consumir. Além do ato de compra acentuado, o que leva

a uma preocupante questão socioambiental diante da alta produção e do acúmulo de lixo, as pessoas esquecem o significado de festas religiosas. O Natal é um bom exemplo disso.

Para o padre Marcos Vinicius Vieira, professor do Departamento de Teologia, a sociedade atual é descrita como

de indivíduos “engolidos pelo tempo” e, consequentemente, da falta de sensibilidade com o próximo e consumismo desenfreado. Segundo ele, para haver uma mudança, é essencial resgatar o sentido do Natal que, além de relembrar o nascimento de Cristo, consiste também em uma reflexão profunda so-

bre as ações e atitudes. E esta perpassa aqueles que são excluídos na sociedade moderna, como os menos favorecidos. Por esta razão, há o aumento na participação de trabalhos voluntários nesta época.

Leia mais em:
www.puc-rio.br/jornaldapuc



Papai Noel é um dos símbolos da festividade